

ZECA NETO NO DIÁRIO DE CECÍLIA

Carlos Reverbel

Boa parte do **Diário** de Cecília de Assis Brasil, cujos originais me chegaram às mãos, por honrosa deferência de sua família, diz respeito aos anos em que a autora esteve exilada no Uruguai. Iniciado na Granja de Pedras Altas (município de Pinheiro Machado), o **Diário** teve prosseguimento em diversos lugares: Pelotas, Rio Grande, Bagé, Rio de Janeiro e, finalmente, em quatro pequenos estabelecimentos rurais, situados no departamento uruguaio de Cerro Largo, a pouca distância da cidade de Melo, sua capital: Chácara Bela Vista, Estância Nova, Coxilha Grande e Berachi. Foi nesses pequenos estabelecimentos campestres que J. F. de Assis Brasil e sua família estiveram exilados, a partir de 1924, só retornando a Pedras Altas pouco antes da Revolução de 1930. Ocuparam inicialmente a Chácara Bela Vista e a Estância Nova, estabelecendo-se, posteriormente, na Coxilha Grande e no Berachi, sempre como arrendatários.

Durante os amargos anos de exílio a família Assis Brasil conseguiu manter o estilo de vida que levava na Granja de Pedras Altas, embora as circunstâncias fossem completamente diferentes. Por exemplo: as casas em que moraram, nos campos de Cerro Largo, não tinham o menor conforto, duas não passando de simples ranchos de torrões. Se Assis Brasil construía um castelo em Pedras Altas, talvez nele querendo simbolizar a “nobreza” que atribuía à vida do campo, ele e sua família dariam mostras, quando exilados, de que estavam preparados para viver de modo afanoso, frugal e civilizado, tanto num castelo, como num rancho. Aonde fossem, levavam a arte de viver, à sua maneira, quer no campo, quer na cidade, fossem quais fossem as circunstâncias. O **Diário** de Cecília é, acima de tudo, uma lição de vida, valorizada pelo trabalho, pelo culto da natureza, pela busca do saber, pelo amor aos animais e pelo respeito aos homens do campo.

As casas que o chefe libertador ocupou, em áreas rurais situadas nas proximidades de Melo, deram guarida a numerosos exilados brasileiros, civis e militares, que haviam participado do ciclo revolucionário de 1922 a 1926. Eram, ainda, procuradas pelos chefes revolucionários que, internados no Uruguai e na Argentina, nunca deixaram de conspirar contra o governo brasileiro, o que teria necessariamente de acontecer, pois Assis Brasil era o “chefe civil da revolução”, reconhecido não só pelos libertadores gaúchos, mas também pela maioria dos militares exilados, a

começar pelo marechal Isidoro Dias Lopes. Existe apenas um testemunho vivo desse momento histórico: o **Diário** de Cecília.

A história dos movimentos revolucionários que sacudiram a campanha gaúcha, de 1923 a 1926, conta com diversas publicações. Falta, entretanto, o relato do lado humano desses levantes, sobretudo no que diz respeito às vicissitudes por que passaram, no exílio, os revolucionários rio-grandenses da coluna do general Zeca Neto. Esta lacuna será afinal preenchida o dia em que for publicado o **Diário** de Cecília de Assis Brasil.

Exilado em Montevidéu, Zeca Neto seguidamente ia a Melo, para conferenciar com Assis Brasil. Era recebido na intimidade da família, como amigo da casa, em cujo aconchego por vezes se demorava alguns dias. Retirando-se para o Uruguai em 1923, depois do malogro da revolução, Zeca Neto invadiria o Rio Grande por duas vezes, em 1924 e 1926. As duas invasões foram preparadas no departamento de Cerro Largo, sob as vistas de Assis Brasil. Detenho-me aqui para intercalar esta página do **Diário** de Cecília, sobre a primeira invasão: “Chácara Bela Vista, 29 de novembro de 1924 — Há um mês os libertadores tornaram a se levantar em armas e o nosso Honório Lemes tomou Uruguaiana sem dar um tiro.¹ Mas, para mim, é hoje que começa a revolução, porque foi hoje que o Francisco² se incorporou à pequenina força comandada pelo general Zeca Neto. A força está acampada a pouca distância, nos matos à margem do rio Jaguarão, pronta para a invasão. Além do Francisco, sairão daqui, quando a força levantar acampamento e marchar, o nosso peão Juca e o Bozano³, o extraordinário Bozano, que acaba de atravessar o Estado, para levar aos companheiros a palavra do nosso General. Ele chegou aqui maltrapilho, cabelos crescidos, roupas emprestadas, mal calçado, os olhos injetados de não dormir, mas alegre e bem disposto, contando por onde tinha andado e relatando as coisas engraçadas que lhe tinham acontecido pelo caminho. Sobre as suas privações e momentos de aflição e cansaço, nenhuma palavra”.

No período compreendido entre a primeira e a segunda invasão, de novembro de 1924 a novembro de 1926, Zeca Neto esteve diversas vezes em Melo, hospedando-se sempre na residência campestre da família Assis Brasil. Vivendo sozinho em Montevidéu, longe dos seus, parece que o velho caudilho fazia essas viagens, não só por motivos políticos, mas também para fluir o calor humano e sentir as demonstrações de amizade com que era acolhido. O **Diário** de Cecília registra todas essas visitas. E no dia 22 de novembro de 1926, assim antecipa a segunda invasão de Zeca Neto: “Romperam novamente as hostilidades desde o dia 4. A Revolução continua. Zeca Neto vai entrar no Rio Grande, depois de

(1) Correu o boato, mas a tomada de Uruguaiana não aconteceu.

(2) Francisco de Assis Brasil, primeiro filho varão do chefe libertador.

(3) Dr. Carlos Bernardino de Aragão Bozano.

amanhã, com um punhado de homens, entre os quais estarão o nosso Boy⁴, tenente Salvaterra⁵, capitão Medina⁶, o Manoel, Lima, Pai Faca, Paisano, Hildebrando, o Índio, marinheiro do “São Paulo” que chamamos de Patrício e o relojoeiro paulista Ataliba. Papai e Mamãe vieram ontem da Estância Nova, deixando lá Quinquim, Lídia e Dolores⁷. Aqui na Chácara há um movimento constante, de preparativos para a partida dos nossos soldados. O Alonso Torres foi mandado ontem a Aceguá, numa missão, e não volta. O tenente Salvaterra partiu esta manhã, de auto, para organizar a invasão. Foi com ele Cassiano e um outro, chamado Cecílio. O Manoel, o Medina e o Pai Faca foram a cavalo, levando de tiro os cavalos do Boy e do General. O Firpo⁸ tocou-se de auto para Aceguá. O major Ramon Silva, com sua gente, deve chegar amanhã no Berachi, que é onde está se fazendo a concentração. Néri Martins⁹ mandou dez cavalos de guerra. O cavalo do Boy foi o Maneco Soares que mandou¹⁰. Ele teria vindo também se não estivesse doente.”

Destaquei estas duas páginas do valioso **Diário** de Cecília de Assis Brasil, reproduzindo-as aqui, como achegas às **Memórias** do general Zeca Neto, recentemente saídas do prelo, com introdução e notas de Sérgio da Costa Franco e um esboço biográfico de Rui Castro Neto, filho do legendário caudilho rio-grandense.

(De **Letras & Livros**, nº 72, 22/1/1983; supl. cultural do **Correio do Povo**, de Porto Alegre.)

*

(4) Francisco de Assis Brasil.

(5) Tenente Helen Salvaterra. Faleceu no afundamento de uma balsa, ao fazer a travessia do rio Camaquã.

(6) Capitão Pedro Medina. Também pereceu no mesmo desastre.

(7) Filhas de J. F. de Assis Brasil.

(8) Anacleto Firpo, natural de Dom Pedrito. Um dos fundadores do Partido Libertador, a cujos princípios foi de uma dedicação exemplar. Ninguém o superou em fidelidade partidária.

(9) Fazendeiro no Poncho Verde (Dom Pedrito) e em Cerro Largo, no Uruguai. Da tradicional família de Gaspar Silveira Martins.

(10) Dr. Manoel Corrêa Soares, então fazendeiro no Uruguai. Teria o nome ligado, como técnico e administrador, à história da Secretaria da Agricultura do Rio Grande do Sul.